

Unlearning America's Languages: Notas sobre o pensamento de Boaventura de Sousa Santos e Charles Bernstein a partir da poética de Sheryl Luna e William Archila

João Paulo Pedro¹

Resumo: Este ensaio procura explorar os pontos de contacto entre o pensamento do sociólogo Boaventura de Sousa Santos e do poeta Charles Bernstein. Mais especificamente, interroga o conceito proposto por Sousa Santos de “linha abissal”, encontrando ecos nas reflexões de Charles Bernstein sobre a escrita poética como ato de mapear e existir no mundo e na linguagem. Para tal, esta reflexão parte da análise de três poemas: “Northern Triangle Dissected” (2019) e “Self-Portrait with Crow” (2009) de William Archila e “Lowering Your Standards for Food Stamps” (2014) de Sheryl Luna. Exploram-se, assim, as formas como a *Poiesis* vinda além da linha abissal, coloca em evidência as forças delimitadoras exercidas pelo Norte e, por sua vez, os limites do próprio pensamento que este cria. Esta poesia, por necessidade, aponta vias de escape, em busca de alternativas ao tutano cultural e político em que emerge.

Palavras-chave: Linha Abissal; Fronteira; Margem; Sul

Introdução

No seu ensaio “A-poética”, Charles Bernstein lança a provocação: “E que acontece se o corpo social decide e nós nos encontramos fora dos valores sistémicos que ele ratifica?” (1997: 117). É esta questão que motiva a sua predileção confessada pela “poesia que insiste em seguir o seu próprio caminho, em encontrar as suas próprias medidas, desenhando os mapas de mundos que, de outro modo, ficariam escondidos ou que seriam recusados ou, ainda melhor talvez, que, de outro modo, nunca teriam existido” (1997: 102). Esta pergunta não é, no entanto, apenas uma simples justificação para o apreciar de uma obra poética em favor de outra. É sim uma provocação que

¹ Doutorando em Discursos: Cultura, História e Sociedade pela Universidade de Coimbra e investigador colaborador e bolseiro (FCT refª UI/BD/150924/2021) no Centro de Tecnologia, Restauro e Valorização das Artes. Os seus interesses de investigação prendem-se com questões em torno da História Pública, das lógicas patrimoniais e da construção da memória do Século XX. Encontra-se a desenvolver investigação de tese sobre os Imaginários Culturais e a História Pública da Revolução de 25 de Abril nos lugares de memória.

lança pistas para uma reflexão aprofundada sobre o próprio corpo social a que o autor se refere.

Nesta mesma linha, a obra de Boaventura de Sousa Santos concerne-se precisamente com este lado de fora. Como ele chama, um Sul, em oposição a um Norte, demarcado por aquilo a que ele denomina uma “linha abissal” (Santos, 2007). Esta linha reclama para si as medidas do real e do universal, deslegitimando e constituindo como um ‘outro’ que se encontra fora destas medidas – “Porque são os sãoos que definem insanidade, os legalistas que definem ilegalidade” (Batters, 2011: 14).

Este ensaio procura refletir sobre essa linha, mais particularmente sobre o potencial que a poética produzida no lado de lá, no Sul, tem para a pôr em evidência, para mapear as tensões, contradições e desníveis de poder, bem como para ilustrar vias de escape empregadas por aqueles que se veem objetos de um dispositivo de dominação. Para tal, partir-se-á da leitura de três poemas: de William Archila, “Northern Triangle Dissected” (2019) e “Self-Portrait with Crow” (2009); e de Sheryl Luna, “Lowering Your Standards for Food Stamps” (2014). Estes poemas servem de rampa de lançamento para uma discussão sobre o pensamento dos autores acima referidos, Boaventura de Sousa Santos e Charles Bernstein, que, embora trabalhem dentro de parâmetros diferentes, importam seriamente para esta discussão pela sua preocupação em comum com o conhecimento produzido e, principalmente, articulado na subalternidade.

O argumento do ensaio será explanado em três partes: a primeira explora a forma como os sujeitos poéticos ilustram a sua condição como objetos de um dispositivo global de dominação, que se constitui e subsiste por via da linha abissal descrita por Sousa Santos. Linha que não é somente material e geopolítica, mas crucialmente epistemológica. Os poetas articulam esta condição em várias instâncias, no entanto, para os propósitos deste ensaio, o foco será virado principalmente para a exploração do domínio dos corpos nos poemas; Seguidamente, o argumento olha para o reverso da medalha e explora como estes mecanismos de subalternização limitam a visão do próprio Norte, invalidando e desperdiçando experiências e visões do mundo que não são possíveis de serem articuladas pelas cartografias e poéticas hegemónicas; Finalmente, explora-se como os poetas encontram na forma poética as medidas

próprias e os caminhos de resistência que lhes permitem afirmar a sua agência e autodefinir-se como sujeitos.

Ser Sul

William Archila nasceu em Santa Ana, El Salvador em 1968. A sua família foi forçada a pedir exílio nos Estados Unidos em 1980, imediatamente após o começo da guerra civil salvadorenha (1980-1992). Durante a infância, a família sofreu de insegurança habitacional, mudando-se frequentemente entre Los Angeles e São Francisco para conseguir sustento. Começou a escrever poesia em 1992, depois de voltar de uma visita a El Salvador, onde sentiu um profundo desenraizamento da cultura do seu país natal: “quando voltei para a Califórnia, senti-me sem-abrigo, que não pertencia nem aqui nem em El Salvador; que não era nem parte desta América nem da América de El Salvador, e sentia-me como um estrangeiro” (Library of Congress, 2016). A sua poesia concerne principalmente a experiência do exílio, do desenraizamento e da violência da fronteira, sendo a sua primeira antologia poética intitulada *The Art of Exile* (2009). Desde então completou a sua formação Belas Artes pela Universidade de Oregon e já ganhou vários prémios de produção poética, nomeadamente o *Letras Latinas/Red Hen Poetry Prize*.

Por sua vez, Sheryl Luna nasceu em El Paso, Texas, em 1965, filha de imigrantes Mexicanos. A poética “crua e vulnerável” (Taos Press, 2013: 6) de Luna parte da experiência, quer dos pais, quer da própria poeta, da precariedade económica vivida no quotidiano e da violência infligida à força de trabalho imigrante e de classe baixa. A poeta é formada em Belas Artes pela Universidade do Texas em El Paso e em Inglês pela Universidade Feminina do Texas. É também doutorada em Literatura Contemporânea pela Universidade do Texas do Norte. A sua primeira antologia poética, *Pitty for Drowned Horses* (2004) ganhou, entre outros, o prémio *Andres Montoya Poetry Prize*, patrocinado pelo Instituto de Estudos Latinos e Escrita Criativa da Universidade de Notre Dame. Atualmente leciona na Faculdade Estatal Metropolitana de Denver.

Estas breves notas biográficas servem mais do que um propósito de contextualização. Dão pistas para uma das questões centrais para entender a sua

produção poética: de que articular o mundo, e articular-se no mundo, significa empregar os recursos de linguagem disponíveis a partir da sua posição concreta no corpo social. Não é por acaso que a poetisa M. NourbeSe Philip escolhe iniciar o seu livro *Blank: Essays and Interviews* (2017) com as seguintes palavras:

Escrevo a memória nas margens da história, na sombra do império e na fronteira do silêncio; escrevo contra a corrente como uma poetisa e escritora desencaixada e desaparecida no Canadá; Escrevo de um lugar de múltiplas identidades – Negra, Afrodescendente, mulher, imigrante (ou intrusa) Caribenha – que frequentemente, pela sua própria natureza, geram hostilidades dentro do corpo político de uma nação dita multicultural. (2017: 1, tradução própria do inglês)

NourbeSe Philip não tem como não escrever de um lugar composto pelas tapeçarias de identidades que lhe são atribuídas: de mulher negra, de afrodescendente, de imigrante, de Caribenha e de quantas identidades mais deixadas por dizer. Mais ainda, estas identidades colocam-na na periferia do corpo social, nas “margens da história, na sombra do império e na fronteira do silêncio” (*idem*). Para a poetisa, falar de si significa falar das hostilidades que definem a sua experiência do mundo, significa articular os desníveis de poder de todos quantos se relacionam consigo, seja por semelhança ou contraste, e significa dar conta de uma realidade inacessível a tantos quantos não partilhem a sua posição de subalternidade.

Como evidenciou Boaventura de Sousa Santos, “todos os conhecimentos sustentam práticas e constituem sujeitos” (2007: 87). Fazer poesia – participar no ato mais alargado da linguagem e de articulação do conhecimento sobre o mundo – é inevitavelmente um ato político. A poesia, como afirma Bernstein, “entra no contemporâneo ... falando para as tensões e conflitos do momento com os meios então ao seu dispor” (1997: 102). Por essa mesma razão importa trazer à evidência as poéticas produzidas por aqueles que se vêm subalternizados pelas lógicas de funcionamento da polis naturalizadas no ato da linguagem. Como afirmaram Graça Capinha, Clara Keating, Elsa Lechner e Olga Solovova, referindo-se particularmente à literatura da migração:

... permite-nos entender como se forjam identidades impostas, negociadas, resistidas, desejadas ou projetadas por falantes em falas, tempos e lugares concretos. Com o horizonte na justiça social e cognitiva, permite desbloquear a escuta de uma língua que se diz nos espaços menores e informais de sobrevivência, proteção ou revitalização, tais como aqueles criados por línguas minoritárias, indígenas ou de migração. (Capinha *et al.*, 2018: 106-107)

É neste ímpeto que se situa o trabalho de Boaventura de Sousa Santos e de Charles Bernstein. Embora funcionem a partir de campos de trabalho distintos, o seu interesse comum situa-se na procura pela desconstrução e pelo desmantelamento das lógicas de dominação produzidas e legitimadas pelo pensamento totalizante e excludente – um pensamento eminentemente ocidental que constitui como subalternos e irrelevantes todos os foras que produz. Os autores procuram, assim, "rachar ao meio o processo premeditado de desrealização social - encontrar um espaço intermédio para tratar os pormenores, a verdade de detalhes e constelações ... [e] fornecer um lugar para a construção de configurações e factos sociais e imaginativos que, em tudo o resto, são evitados ou ignorados." (Bernstein, 1997: 104)

Para ilustrar este ímpeto, vire-se o olhar para os poemas em discussão. "Lowering Your Standards for Food Stamps" de Sheryl Luna descreve a experiência de um trabalhador precário numa loja de conveniência numa bomba de gasolina algures nos Estados Unidos da América. O poema é escrito fazendo uso da técnica de fluxo de consciência (*stream of consciousness*), enquanto o sujeito poético descreve, por via dos sentidos, a experiência e a impressão do momento instantâneo, à medida que o dia de trabalho vai passando. Apesar da passagem do tempo, as impressões não são apresentadas como uma sequência de eventos, mas aproximam-se mais de uma série de sensações dispersas, deslocadas e nauseantes, que se vão justapondo sem relação a algo mais que à condição de prisioneiro.

Encontra-se a mesma dispersão em "Northern Triangle Dissected" de William Archila. O poema descreve, ao longo das suas 8 estrofes, precedidas por uma citação de Ronald Reagan e outra de Roque Dalton, a violência que define a fronteira sul dos Estados Unidos da América. O poema não apresenta um sujeito poético coerente, mas salta entre estrofes de um estilo confessional, narrado por um refugiado tentando ultrapassar a fronteira, passando para a voz de uma força policial que incita à violência sobre os corpos dos migrantes, até à voz de repúdio de um qualquer sujeito americano.

"Self-Portrait with Crow", também de William Archila, por outro lado, apresenta-se menos caótico e mais composto. O sujeito poético captura um momento no tempo, descrevendo uma série de eventos de extrema violência em diversos cantos do mundo, ligados por um fio de simultaneidade e "afunilados" por via dos noticiários na televisão. O sujeito poético responde trazendo a atenção de volta para o seu espaço

imediatamente e procurando, de alguma forma, reconhecer-se a si mesmo no corvo fora da janela.

Nos três poemas existe uma dimensão estrutural que define a relação entre os sujeitos poéticos e o espaço-mundo que estes habitam. Esta relação corresponde à divisão descrita por Boaventura de Sousa Santos que demarca o pensamento ocidental: a divisão Norte/Sul, ou a “linha abissal” (Santos, 2007: 72). O autor argumenta que os fenómenos de dominação que caracterizam as relações de poder no mundo contemporâneo devem ser entendidas por mecanismos de fronteira que demarcam o conhecimento considerado válido e verdadeiro e o conhecimento irrelevante, produzido nas margens das práticas de produção naturalizadas e, como tal, não inscrito no real. De acordo com o autor, “o outro lado da linha desaparece como realidade, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente” (2007: 71).

Fazendo uma leitura dos poemas a partir desta linha abissal, entende-se que os poetas encontram-se deste lado de lá, são “outros” de uma força dominante e, como tal, as suas produções poéticas necessariamente são referentes à sua posição. Entende-se assim, partindo dos pressupostos de Sousa Santos, que a posição de onde os poetas falam é de um Sul:

Esta conceção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com exceções como, por exemplo, da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimento económico semelhantes ao do Norte global (Europa e América do Norte). A sobreposição não é total porque, por um lado, no interior do Norte geográfico classes e grupos sociais muito vastos (trabalhadores, mulheres, indígenas, afrodescendentes, muçulmanos) foram sujeitos à dominação capitalista e colonial e, por outro lado, porque no interior do Sul geográfico houve sempre as ‘pequenas Europas’, pequenas elites locais que beneficiaram da dominação capitalista e colonial e que depois das independências a exerceram e continuam a exercer, por suas próprias mãos, contra as classes e grupos sociais subordinados. (Santos, 2010: 4-5)

Em “Northern Triangle Dissected” essa divisão Norte/Sul surge em diversas instâncias, mas é explicitamente enunciada na 6ª estrofe:

I must tell you the truth, / sometimes I want nothing more / than the continent capsized; north / down there, south the top of the head, / between you & me not a line, / no scape of rust clogging / the mind. Who's to say? Me, / the dark design / of a collarbone, / Of a country and without a country. / You, total gratification / for the ants congregating / down the carcass.

O sujeito poético traça uma clara equivalência entre a divisão global geopolítica e a sua própria experiência de subalternidade, permitindo-se a si mesmo a fantasia

temporária de inversão dos papéis de subordinador/subordinado. A mesma divisão existe em “Self-Portrait with Crow”, onde o espaço da violência enunciada corresponde precisamente ao Sul global: “*men will be gunned down at dawn / in a distant continent, someone with a bomb nestled / in the belly, by the roadside a woman / will moan over the body of a man*”. Este fio condutor de violência e miséria é depois interpretado e apresentado ao sujeito poético através das representações concebidas pelo Norte, os noticiários: “[...] *that God / will finger the forehead of a dying country, / all of it funneled through the news on TV.*”

Em “Lowering Your Standards for Food Stamps”, a divisão é tornada evidente na descrição das figuras homogéneas que correspondem ao Norte: “*Faces blur in a stream of hurried soccer games, / sunlight, and church certainty. I have no / poem to carry. No material illusions.*” O sujeito poético não toma partido nos imaginários e rotinas da classe média anglo-saxónica americana, que ela mal percebe num fluxo das mesmas caras apressadas para prosseguir com a sua vida sem o propósito de a reconhecer. Ela não toma parte das boas-vindas de um tal novo colosso, que prometera acolher os pobres, os cansados ou as massas amontoadas (se é que alguma vez tenham sido acolhidos além das gravuras na pedra e no cobre à entrada de Nova Iorque). Em vez disso, o balcão da loja de conveniência delimita a linha abissal, onde apenas as longas horas de trabalho dão forma à percepção do mundo: “*Fourteen hours on my feet. No breaks. [...] I am hourly protestations and false smiles*”.

«How small / the countries of our bodies»

Como apontado por Boaventura de Sousa Santos “A modernidade é uma vasta teia de reciprocidades negadas” (1993: 7). Na base desta divisão Norte/Sul, na constituição deste ‘outro’ subalternizado, está o exercício de poder por via da linguagem e, por consequência, a legitimação de injustiças tão epistémicas como materiais. A quem é negado a capacidade de articular a sua realidade nos seus próprios termos é negada a capacidade de agir significativamente sobre ela. É por esta razão que autores como Charles Bernstein rejeitam um modelo puramente comunicativo da linguagem (e por consequência do seu emprego na produção poética), que assume um meio neutro de recursos linguísticos disponíveis democraticamente para um ato de comunicar. O próprio autor lança a provocação:

Às vezes pergunto-me que sentido faz falar da possibilidade de comunicação entre todos os povos da América enquanto há gente sem-abrigo que a maior parte de nós aprendeu a afastar e manter fora do círculo humano de cuidado e reconhecimento - a menos que se trate da Estrela de Rock das Cadeias Emissoras Universais e do Tributo da Celebridade Infantil aos Despojados, dos Sobreviventes da Violência Racial e das Vítimas de Agressão Sexual (1997: 106)

O autor põe em evidência aquilo que Jean-Jacques Lecercle observou, que: “o efeito da violência é inseparável das palavras que o ‘carregam’. Palavras são embebidas de força ... E a luta é conduzida não pela linguagem, mas na linguagem.” (1990: 236). Encontrando-se com Lecercle, Bernstein constata que o ato comunicativo carrega sempre consigo um excesso ideológico, legitimador de práticas de dominação na esfera material, que apenas pode ser compreendido se a própria linguagem for concebida como uma arena de disputa, ou seja, a partir um modelo necessariamente agonista. Em “Lowering Your Standards for Food Stamps”, o sujeito poético expressa: “*Words fall out of my coat pocket*”. Este verso aponta precisamente para esta característica. A linguagem que o sujeito tem para se expressar é simultaneamente insuficiente para englobar a totalidade da experiência vivida e excessiva em tudo o que não se lhe corresponde e que não a diz. Por isso as palavras caem para o chão, impossíveis de serem usadas para a articular no mundo.

Quer Charles Bernstein, quer Boaventura de Sousa Santos empregam este modelo agonista de linguagem para entender os discursos que legitimam as relações de poder na experiência do concreto. Mais do que um campo de antagonismos, este modelo (em muito influenciado pela linha crítica de Foucault) evidencia que a linguagem é uma ferramenta de disciplina e de delimitação do desviante, do criminoso, do “outro”. Por isso mesmo importa analisar as cartografias abissais que reclamam para si a posição de universalidade. Sousa Santos identifica os territórios do Conhecimento, dominado em exclusividade pela Ciência na sua conceção ocidental contemporânea (2007: 71), e o domínio do Direito, que define os princípios organizadores do corpo social (2007: 73). Assim sendo, no contexto da análise da produção poética nas periferias, nos Suis globais e individuais:

[...] observar de forma crítica a construção dos discursos ideológicos que subjazem a esta ordem do real – observar esse ‘fazer’ (*poiesis*) que dá origem a todas as representações socialmente construídas, ou seja, que dá origem àquilo a que chamamos ‘real’ – é observar o político na sua raiz.” (Capinha *et al.*, 2018: 118)

O domínio e o exercício de violência sobre o corpo são um tema recorrente nos três poemas e na obra destes poetas, pelo que podem ilustrar esta necessidade de pôr em escrutínio os mecanismos que legitimam e até naturalizam essa violência. Retornando ao verso de “Lowering Your Standards for Food Stamps”, *“Fourteen hours on my feet. No breaks. / No smokes or lunch. Blank-eyed movements.”*. Esta é apenas uma das instâncias em que a lógica operacional do trabalho domina a experiência do sujeito poético. A própria poeta faz alusão ao motivo da submissão, apesar da náusea existencial que este lhe causa: *“[...] Maslow’s got everything on me”*. As suas necessidades básicas de sobrevivência, representadas pelo nome de Maslow, em referência à teoria psicológica das hierarquias das necessidades, forçam-na a mover-se dentro do *mundus operandi* das lógicas de dominação, sempre em nome da satisfação das suas carências materiais concretas.

Como descreve Boaventura de Sousa Santos, a “diferença de poder entre as partes do contrato de direito civil ... é de tal ordem que a parte mais fraca, vulnerabilizada por não ter alternativa ao contrato, aceita as condições que lhe são impostas pela parte mais poderosa, por mais onerosas e despóticas que sejam” (2007: 80). Mais ainda, outra camada de significado poderá ser adicionada, se o nome “Maslow’s” for interpretado como o nome do estabelecimento em que esta serve por de trás do balcão.

Este domínio tem um efeito muito real sobre o sujeito poético. Mais do que causar uma sensação de repulsa, a partir da qual descreve as impressões imediatas daquilo que experiencia, limita-a na sua capacidade de expressar essa experiência além do sentido do tato e da sensação momentânea de um ambiente artificial: *“soak in bleach water. I touch everyone’s / dirty dollars [...]”*; *“Cola spilled on hands, so sticky fingered”*; *“[...] In a summer-hot red / polyester tip, I sell lotto tickets. Cars wait for gas”*; *“A jackhammer breaks apart life. The slow globe / spirals, and at night black space has me dizzy”*; *“and humiliation drips with my sweat”*.

Ainda assim, a ilustração do domínio por via da violência sobre o corpo é mais evidente em “Northern Triangle Dissected”. O próprio título do poema remete para o procedimento médico, invasivo, de dissecar um corpo sem vida, por forma a melhor deitar olho nele, já sem as preocupações de dor ou sofrimento que seriam lançadas com um corpo vivo e com agência. Neste sentido, dissecar o “Northern Triangle”

sugere procurar decompor para análise, de forma cirúrgica e, até, estéril, a realidade do grupo de três países centro-americanos, Guatemala, El Salvador e Honduras, assim denominados na esfera da geopolítica (Obinna & Field, 2019: 82) e aqui encarnados nos refugiados que chegam à fronteira sul dos Estados Unidos.

As várias vozes dos vários sujeitos poéticos podem ser lidas como uma exploração sobre a realidade de estar no mundo através de um corpo, e agir dentro dos constrangimentos e das limitações impostas pelos mecanismos de desapropriação da subjetividade. Tomando a voz de um qualquer americano hostil, a segunda estrofe afirma precisamente que “[...] *Chances are / if you fall, you’ll disappear / or pass. Yet like a hawk / I will coin myself vigilant, dig you out / before your weeds, blackening, / spawn your way of life. Our bodies / settled here first*”. O sujeito poético recorre repetidamente a descrições do corpo, descrevendo como a sua imóvel presença é garante da sua soberania e arma contra quem a desafie – “*Our bodies / settled here first*”.

Novamente, na estrofe seguinte, o sujeito poético toma a voz de um guarda de fronteira:

If there’s no body left, there’s no crime, / no court case, so bury the filthy bastard. / Don’t fuss about it. It’s just a quick blow, / down he goes. You see the brains / unclogged like leafed rainwater / in the gutters. My bag. My haunt of flies. / Thinking of nothing will make nothing / happen, so nothing will / do precisely. Nothing.

Ao jogar com as palavras “no body” e “nothing”, o poeta joga com os vários significados que constroem a lógica operativa da fronteira excludente. Nobody e no body produzem-se um ao outro. O mesmo com nothing e no thing. Como tal, um corpo descartado, desumanizado, não é perceptível ao olho cartográfico do direito que impera sob a lógica regente de uma linha abissal. Como tal, encontra-se fora do real. Nunca foi, de facto, uma pessoa sobre a qual violência e, por hipótese, justiça, pudesse ser exercida. Em muitas maneiras, ecoa a reflexão de Marc Hill sobre o homicídio de Michael Brown em Ferguson:

Michael Brown permaneceu na estada, descartado como um animal, entranhas atrás de um talho. Como Keisha, uma residente local que entrevistei uma semana depois do tiroteio, me disse “they just left him there . . . Like he ain’t belong to nobody.”

Ninguém [*Nobody*].

Sem pais que o amavam. Sem comunidade a quem era querido. Sem sistema médico que fosse compelido moralmente para o salvar. Sem Estado, compelido pelo dever de investir nele, antes e depois da sua morte. Michael Brown foi tratado como se não tivesse o direito aos mais básicos elementos da cidadania democrática, para não falar da decência humana. Foi tratado como se não fosse uma pessoa, muito menos um americano. Ele foi descartável. (Hill, 2016: 11)

“Ser ninguém [*nobody*] significa ser descartável” (Hill, 2016: 2). Nesse sentido, o poema “Northern Triangle Dissected” dá conta de como a lógica que produz a fronteira é uma lógica necropolítica: “*Another checkpoint, and whatever / they carry speaks of cadavers - / all those vanishings / by whatever means necessary*”. É uma máquina reproduzida por função da “disciplina pela morte” (Canavan, 2014: 46), cujas “privações estruturais produzem a miséria humana como força da lei da natureza” (2014: 54). Esta razão que rege a fronteira, longe dos olhos dos cidadãos cegos à gaguez do subalterno, é a mesma razão que rege a experiência de náusea quotidiana no poema de Sheryl Luna. Uma mesma linha abissal que estrutura e regula a miséria humana no lado de lá da fronteira e no lado de lá do balcão da loja de conveniência.

O argumento do Norte, em resposta ao mais breve confronto com esta condição, cai no conforto da inevitabilidade: “Pobreza, fome, e guerra podem ser apresentadas como uma parte inevitável da realidade, enquanto que a esperança de que estas formas de sofrimento possam ser eliminadas é facilmente pintada como utopia ingénuas” (Fisher, 2009: 16). Como descreve Boaventura de Sousa Santos:

... em vez de exigir ... o seu derrube, ... justifica o estado atual das coisas como o único possível, mesmo que envolva a imposição das mais grotescas e injustas formas de sofrimento humano, que supostamente deveriam ter sido deitadas ao caixote do lixo da história pelo progresso civilizacional.” (2018: ix)

Por isso mesmo Charles Bernstein rejeita profundamente a reivindicação da neutralidade e da naturalização do real. “Fingir que não se é militante, que se está acima do combate, separando o «melhor» do «pior» sem «rancores ideológicos» ... é uma forma, por demais recorrente, de mistificação e má-fé, que tem como objetivo reforçar a autoridade das nossas próprias afirmações.” (Bernstein, 1997: 103). É participar numa “ideologia da pós-ideologia” (Žižek, 1994: 5), disfarçada de razoabilidade e convicção de que se habita num fim teleológico da história.

É, então, possível imaginar alguma via para a autoafirmação e escapar a linha abissal, quando a razão vigente é sustentada pela constituição de subalternidades?

Num dos seus discursos finais, a autora de ficção científica Ursula K. Le Guin apontou precisamente para esta questão: “vivemos no capitalismo. O seu poder parece inescapável. Também assim parecia o direito divino dos reis. Qualquer poder humano pode ser resistido e mudado por seres humanos. Resistência e mudança frequentemente começam na arte, e muito frequentemente na nossa arte, na arte das palavras.” (Guin, 2014).

“Unlearning America’s Languages”

De volta à questão do modelo agonista da linguagem, Charles Bernstein afirma que “quando ultrapassarmos esta ideia de que podemos todos falar uns com os outros, ... começará a ser possível, como sempre foi, ouvirmo-nos uns aos outros, a um de cada vez nas várias constelações que se nos apresentam ou que julgamos necessário criar” (1997: 109). Esta possibilidade aponta para o propósito final do método crítico de Bernstein e de Sousa Santos: de procurar na linguagem caminhos de reconhecimento e de afirmação da subjetividade, que estarão bloqueados pela razão discursiva ocidental hegemónica. O seu propósito é, acima de tudo, abrir caminho ao pensamento: “Não existe justiça social global sem justiça cognitiva global. Isso significa que a tarefa crítica que se avizinha não pode ficar limitada à geração de alternativas: ela requer um pensamento alternativo de alternativas” (Santos, 2007: 83).

Para este projeto emancipador, há que considerar alguns aspetos discutidos pelos autores. O primeiro são os limites do próprio pensamento do Norte. Como referido anteriormente, a linha abissal demarca o real, o percebido pelo olho do lado de cá: “tudo aquilo que é produzido como inexistente é excluído de forma radical porque permanece exterior ao universo que a própria concepção [sic] de inclusão considera como o «outro»” (Santos, 2007: 71). Isto não cria apenas a condição abissal de subalternidade que já foi explanada, mas causa também no Norte uma condição de cegueira.

Na sua reflexão sobre a adequabilidade das formas e das definições ocidentais de poesia e arte, Jerome Rothenberg observa como “já não eram, e de facto nunca tinham sido, suficientes” e que “a nossa contínua dependência delas deturpava a nossa visão quer da experiência humana mais alargada, quer das nossas próprias possibilidades

dentro dela” (Rothenberg, 1990: 5). Precisamente porque os conhecimentos contra-hegemónicos não se inscrevem nos mecanismos do real e do político, estes constituem uma “riqueza social [que] está a ser desperdiçada” (Santos, 2010: 1). A cegueira causada pelo pensamento do Norte impede de imaginar caminhos alternativos. Por essa razão Bernstein afirma que “o interesse poético é mais bem dirigido para o exterior centrifugamente, para o desconhecido e o periférico, do que para centrípetos e constantes reagrupamentos e realinhamentos efectuados [sic] pelo mecanismo de processamento simbólico enormemente elástico e sofisticado da poesia da cultura oficial”. (1997: 107)

Esta epistemologia da cegueira surge nos poemas precisamente porque a sua posição de subalternizados permite-lhes ver os mundos que são ocultos, ou melhor, ocultados pelos mecanismos de naturalização e legitimação do poder, do olhar abissal. Em “Northern Triangle Dissected”, o sujeito poético põe em evidência como as fantasias fundacionais do Norte, os dispositivos cognitivos, impedem de ver o refugiado como mais do que uma ameaça ao seu corpo social: “*No maps, no numbers, / no possible word written / or spoken to keep you / from thinking I’m putting / a dent in your narrow / pockets [...]*”; e novamente com o sujeito poético de uma América hostil falando: “*Our rejection out of old rage begins / as if a mayflower found itself / unanchored, a searing crucible / with no return. The story you claim / disturbing and enchanting, / such a rotten thing. [...]*”. De facto, é pela experiência do exílio, de ser forçado a atravessar uma fronteira de arame farpado, que as falsas conceções mitológicas sobre os Estados Unidos da América são expostas como construções, destinadas apenas a manter os mecanismos de dominação e não para descrever fielmente o real: “*My destination deemed / perfect, where everybody / collides, so says the law, / whether I’m a criminal / or not, the math doesn’t add up / to exchange a few nothings / for a heaven I’ve never seen, / always dreamed of, right?*”.

Também em “Self-Portrait with Crow” esta cegueira se torna evidente na forma como o Norte reporta e inscreve no real a tragédia humana que ocupa metade do poema. Os homens que são executados, a mulher que abraça o corpo morto de um homem à beira estrada, o alguém que se faz rebentar num café, e tantas outras desgraças que ocorrem quando o sujeito poético marca presença no trabalho. Todas elas são filtradas, desprovidas da singularidade que as humaniza e da história que as

levou precisamente àquele momento, em favor de serem consumidas como uma de tantas tragédias indistinguíveis que estruturam os noticiários cada noite. De certa forma, esta forma de cegueira que impede de ver a peculiaridade do sofrimento espelha o argumento de Baudrillard (1995) de que a guerra do Golfo não aconteceu, mas foi sim transposta para uma hiper-realidade mediática, em que a tragédia reportada era virtual e autorreferencial, não correspondente à realidade vivida no Golfo da Pérsia.

Ainda assim, apesar desta cegueira e desta falta de reciprocidade, a conceção de um projeto emancipatório e de justiça epistémica não significa, nem seria de facto útil, rejeitar categoricamente os recursos linguísticos criados pelo Norte. Charles Bernstein cita Kafka como o exemplo desta reapropriação dos recursos de uma linguagem dominante para um projeto de autoafirmação. De facto, constata-se que quer Sheryl Luna, quer William Archila escrevem em Inglês e não em Castelhana. Gilles Deleuze e Félix Guattari referem-se a esta literatura, trabalhando precisamente sobre Franz Kafka, como uma literatura menor: “uma literatura menor não é uma literatura de uma língua menor, mas uma literatura que uma minoria faz numa língua maior” (Deleuze & Guattari, 1983: 16).

Deleuze e Guattari debruçam-se, assim, sobre as obras de literatura escritas a partir dos processos de desterritorialização. O sujeito poético em *Lowering Your Standards for Food Stamps* menciona repetidamente como a linguagem em que escreve, no seu caso o poema como forma de articulação de si, não é a sua própria linguagem: “*I have no / poem to carry, no material illusions*”; “*I’m far from poems. I’d write of politicians, / refineries, and a border’s barbed wire, / but I am unlearning America’s languages / with a mop. [...]*”. Desaprender, “*unlearning*” é uma palavra-chave neste poema. Ela escreve na linguagem que tem ao seu dispor – desaprende as linguagens da América com a esfregona e a sua perceção do imediato, dadas por essa mesma América. Afirma-se a partir do desterritório que são os seus gaguejos nesta linguagem. O momento de expressividade da fonética hispânica “*no metered aubade*” (no matter how bad) é tão seu como qualquer das sensações que descreve ao longo do poema.

O desterritório é “a terra natal ... dos exilados, dos estrangeiros, todos os judeus errantes do mundo, [que a] carregam nas solas dos seus sapatos” (Derrida & Dufourmantelle, 2000: 86). Archila põe isto em evidência em “Northern Triangle

Dissected”: “*At ease with the dark / at ease with your reflection / blurred in public restrooms. / That’s the only way to go. No grasp of what it is like / to leave without wanting / to come back, to leave / without all you know, all you are / as if the doctor has cut a wedge / out of the brain [...]*”; “*I lost it. Country of piece- / of-shit Coca Cola, torso / and head, I piece you / like a forsaken blanket, [...] / how does leaving / mean much more than / returning. [...]*” E ainda: “*How else is it possible / to obliterate one’s country. Not completely, just enough / to feel dead or almost / in the flesh. How once you rose on the other side / only to hear a shout babble / a language you didn’t know, / words you knew lost their worth. / The roof of your mouth ossified, / tongue only the space it used / to take [...]*”.

A boca ossificada de Archila ecoa a experiência de quantos se vêm a navegar numa língua maior: desterritorializados, nem de um território nem de outro, operando numa “father tongue”, como ilustrou NourbeSe Philip. Referindo-se ao seu trabalho com mães imigrantes latino-americanas nos Estados Unidos, Sofia Chaparro fala das palavras como construtoras de um sentido para as “lutas para simplesmente navegar a vida numa língua desconhecida, fazer o melhor que podem para criar os filhos, encaixar palavras e significados num mundo meio-entendido e não acolhedor” (2020: 610). Por isso mesmo qualquer ato da fala numa literatura menor é eminentemente hiperpersonalizado e simultaneamente radicalmente político. Como afirmou o próprio William Archila em entrevista à Poetry Society of America (2012):

Eu não escrevo sobre política exatamente, como disse antes, qualquer coisa que se escreva é um ato político. Eu escrevo sobre a guerra civil em El Salvador, os longos anos de imigração e o meu permanente estado de exílio. O político habita o meu trabalho porque sou um imigrante, alguém que fugiu de um país despedaçado pela guerra, um exilado que carrega a memória fragmentada do seu local de nascimento e dos seus mortos. Portanto, quando escrevo, não me preocupo muito se o meu trabalho é político ou não. Ainda assim, quando escrevo estou interessado na perda – perda de um lugar, de uma família, dos amigos, da identidade. Isto conduz a minha poesia. Parece que estou condenado a ver e ouvir aquilo que perdi e que apenas pode ser salvo pelas palavras. (Poetry Society of America, 2012: 3, tradução própria do Inglês)

É dentro destas considerações que o sociólogo Boaventura de Sousa Santos e o poeta Charles Bernstein propõem as suas reflexões emancipatórias, procurando caminhos alternativos para uma re-imaginação radical do mundo. Bernstein deixa claro que “a poética que [lhe] interessa é aquela que inclui mais do que exclui” (1997: 103).

Sousa Santos denomina este propósito como uma “Ecologia de Saberes”, uma condição essencial para um futuro construído a partir de um pensamento pós-abissal. Esta ecologia implica uma “pluralidade de conhecimentos heterogêneos, incluindo entre eles (mas não exclusivamente) a ciência; uma contra-epistemologia” (2007: 87). Significa abraçar o “o desarticulado, o gaguejo ou o acto [sic] de coxear” (Bernstein, 1997: 116), não exigindo a apresentação de uma totalidade, ou de uma existência definida em referência ao total de outro, mas abraçando a incompletude. Incompletude essa que, aliás, não é menos incompleta do que a voz que se proclama pública e universal à luz do pensamento abissal. Esta co-presença radical requer a:

disposição para conhecer e agir em diferentes escalas (interescalaridade) e com diferentes durações (intertemporalidade). Muitas das experiências subalternas de resistência são locais ou foram localizadas e assim tornadas irrelevantes ou inexistentes pelo conhecimento abissal moderno, o único capaz de gerar experiências globais.” (Santos, 2007: 89)

Tal como ilustrado em “Self-Portrait with Crow”, as vias de escape aos mecanismos de dominação e a criação de uma gramática emancipatória para dizer o mundo encontram-se nos atos de autorreflexividade encontrados na experiência subjetiva do quotidiano:

I'm going to kneel / besides the window, recognize myself / in the croak of the crow, high above the black tree / of winter, claws hooked and rough, wings swept / back and hunched, face masked with exhaust. / I'm going to try, even if I fail, to see myself whole, / complete in the beak of the crow

Uma poética pós-abissal significa adotar, tal como propõe Boaventura de Sousa Santos, um projeto de vigilância ilustrado pela frase que este cita de Santo Agostinho: “Converti-me numa questão para mim mesmo” (2007: 94). E como o autor conclui: “A diferença é que o tópico deixou de ser a confissão dos erros passados para ser a participação solidária na construção de um futuro pessoal e coletivo, sem nunca ter a certeza de não repetir os erros cometidos no passado” (2007: 94).

Referências bibliográficas

Batters, Stephanie (2011), "Care of the Self and the Will to Freedom: Michel Foucault, Critique and Ethics", *Senior Honors Projects - University of Rhode Island*. Consultado a 10.01.2021 em: <http://digitalcommons.uri.edu/srhonorsprog/231>

Baudrillard, Jean (1995), *The Gulf War Did Not Take Place*. Bloomington: Indiana University Press.

Bernstein, Charles (1997), "A-poética". *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 47, 101-122.

Canavan, Gerry (2014), "'If the Engine Ever Stops, We'd All Die': Snowpiercer and Necrofuturism". *Paradoxa*, 26, 41-66.

Capinha, Graça; Keating, Clara; Lechner, Elsa; Solovova, Olga (2018) "Tessituras: da poética e da política nos espaços das migrações", *E-cadernos CES*, 29, 99-124.

Chaparro, Sofia (2020), "Pero Aquí se Habla Inglés: Latina Immigrant Mothers' Experiences of Discrimination, Resistance, and Pride Through Antropoesía", *TESOL Quarterly* 54(3), 599- 628.

Deleuze, Gilles; Guattari, Felix (1983), "What Is a Minor Literature?", *Mississippi Review* 11(3), 13-33.

Derrida, Jacques; Dufourmantelle, Anne (2000), *Of Hospitality*. Redwood City: Stanford University Press.

Fisher, Mark (2009), *Capitalist Realism: Is there no alternative?*. Londres:Zero Books.

Guin, Ursula le (2014), "Ursula's acceptance speech: Medal for Distinguished Contribution to American Letters", Consultado a 23.01.2021 em: <https://www.ursulakleguin.com/nbf-medal>

Hill, Mark (2016), *Nobody - casualties of America's war on the vulnerable, from Ferguson to Flint and beyond*. Nova Iorque: Atria Books.

Lecerle, Jean Jacques (1990), *The violence of Language*. Oxfordshire: Routledge.

Library of Congress (2016), "Salvadoran-American poet William Archila reading from his work". Consultado a 23.01.2021 em: <https://www.loc.gov/item/2016655100/>

Obinna, Denise; Field, Layton (2019), "Geographic and Spatial Assimilation of Immigrants from Central America's Northern Triangle", *International Migration*, 57 (3), 81-97.

Philip, M. NourbeSe (2017), *Blank: Essays and Interviews*. Toronto: Ontario Arts Council - Conseil des Arts de l'Ontario.

Poetry Society of America (2012), "Red, White & Blue - William Archila". Consultado a 21.01.2021 em:

<https://poetrysociety.org/poems-essays/red-white-blue/william-archila>

Rothenberg, Jerome (1990), "Ethnopoetics and Politics/The politics of Ethnopoetics", In Charles Bernstein (org.), *The Politics of the Poetic Form*. Nova Iorque: New York State Council on the Arts, 1-21.

Santos, Boaventura de Sousa (1993), "Descobrimientos e Encobrimientos", *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 8, 5-10.

Santos, Boaventura de Sousa (2007), "Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes", *Novos Estudos – CEBRAP*, 79, 71-94.

Santos, Boaventura de Sousa (2010), "Introdução", In Boaventura de Sousa Santos e Paula Meneses, *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez Editora, 1-11.

Santos, Boaventura de Sousa (2018), *The End of the Cognitive Empire: The coming of age of Epistemologies of the South*. Durham: Duke University Press.

Taos Press (2013), "Sheryl Luna". Consultado a 21.01.2021 em: <https://3taospress.com/authors/sheryl-luna/>

Žižek, Slavoj (1994), *Mapping Ideology*. Londres: Verso.